

COOPERAÇÃO CHINA-ÁFRICA



Renan Almeida de Farias



COOPERAÇÃO CHINA – ÁFRICA¹

Renan Almeida de Farias*

RESUMO

Este artigo tem o compromisso de analisar a política de investimento que o governo da China está introduzindo no continente africano. Em novembro de 2006, na capital Pequim, em reunião com os representantes dos países africanos, o presidente chinês Hu Jintao garantiu para os 48 Chefes de Estado, presentes, investimentos nos setores de energia e segurança, em troca do direito de explorar seus recursos naturais, principalmente as reservas minerais e o petróleo, existentes na África. Contudo, o parlamento europeu critica o governo chinês de ser conivente em relação aos regimes ditatoriais. Mediante da política de cooperação com os governos africanos, o presidente Hu Jintao pretende lograr um claro objetivo, que é vencer a corrida contra os norte-americanos pela detenção de recursos naturais no sistema internacional.

Palavras-chave: China. Chefes de Estado. Parlamento Europeu. Política de Cooperação. Sistema Internacional.

1 INTRODUÇÃO

Durante séculos, o continente africano foi entregue à própria sorte. A teoria adotada pelos países do ocidente tinha a África como uma região com dificuldades impossíveis de serem solucionadas, repleto de doenças, fome e corrupção. Entretanto, no início do século XXI, os chineses apareceram com um novo discurso. A China destinou parte de seu US\$ 1,3 trilhão

em reservas cambiais para investimentos na África, bem como está disponibilizando capital para setores sociais, como: escolas, hospitais, estradas e redes de saneamento. Até o momento, os chineses já empregaram, na África, o montante de US\$ 25 bilhões e mais US\$ 10 bilhões estão em fase de negociação. Só em Angola, aplicaram US\$ 4 bilhões. Vale salientar, todavia, que todo esse investimento chinês não é gratuito. Em troca, os chineses reivindicam o direito de explorar os recursos naturais, principalmente as reservas de minérios e petróleo, situadas no continente africano.

Observa-se com essa iniciativa que a China decidiu explorar uma região que, até pouco tempo, não apresentava nenhum significado expressivo para as potências européias e para a administração norte-americana.

2 O CRESCIMENTO ECONÔMICO NA ÁFRICA

De acordo com o artigo publicado no dia 14 de novembro de 2007 pela BBC para África, o continente apresentou melhorias fundamentais na última década, registrando um crescimento na ordem de 5,4 % e o colocando ao nível das taxas globais. O último relatório do Banco Mundial, sobre os "Indicadores de Desenvolvimento na África para 2007", analisou indicadores presentes nos setores econômicos, privados, de desenvolvimento humano e governança dos

* Acadêmico do curso de Relações Internacionais da Unama. Email: nan.almeida@yahoo.com.br

¹ Artigo orientado pelo Prof. Felix Gerardo Ibarra Prieto, Mestre em Relações Internacionais e Coordenador do Curso de Relações Internacionais da Unama

países. E concluiu que o crescimento em muitos países africanos demonstra ser forte e acelerado, atraindo investimento global e reduzindo taxas de pobreza. O relatório, ainda, aponta que é necessário um investimento constante no continente para sustentar um desenvolvimento a longo-prazo.

Ainda no artigo da BBC para África, o representante econômico do Banco Mundial no continente africano, John Page, afirmou estar “bastante otimista” em relação às mudanças no quadro econômico da África, principalmente em dois grupos de países: os exportadores de petróleo e os que apresentam expansão com diversidade econômica.

“Pela primeira vez em cerca de 30 anos, vemos um grande número de países africanos que começaram a mostrar um crescimento econômico sustentado, com taxas semelhantes às de outros países em desenvolvimento de todo o mundo e excedeu a taxa de crescimento de países mais desenvolvidos”, afirmou Page à BBC.

John Page ratifica que a “África aprendeu a negociar de maneira mais eficaz com o resto do mundo, a confiar mais no setor privado e a evitar os sérios colapsos no crescimento econômico que caracterizam os anos 70, 80, e início dos 90”.

3 A POLÍTICA DE INVESTIMENTO CHINESA SOBRE A ÁFRICA

Em novembro de 2006, os periódicos internacionais destacaram a realização em Pequim, nos dias 4 e 5 daquele mês, de uma cúpula formada pelo presidente chinês Hu Jintao e Chefes de Estado de 48 países africanos. Foi o maior encontro internacional realizado pela RPC (República Popular da China), e os jornais mencionaram inclusive que a logística em torno da reunião seria uma espécie de ensaio para os possíveis desafios a serem enfrentados nas Olimpíadas de 2008. Foi também enfatizado que

o Governo chinês estava financiando a viagem e a hospedagem das 48 delegações.

O que não ficou claro nos noticiários é que não se tratava de uma iniciativa diplomática isolada. Tratava-se, na verdade, da segunda sessão plenária do Fórum on China-Africa Cooperation - FOCAC formada em 2000, também em Pequim. Essa conferência de fundação fora prevista para repetir-se a cada três anos, como já aconteceu em 2003 no Adis Abeba; 2006 em Pequim; e deverá ocorrer em 2009 no Cairo.

Durante o encontro, o presidente Hu Jintao prometeu créditos e empréstimos de longo prazo aos países africanos, na importância de US\$ 5 bilhões e afirmou que até 2009 a China dobrará sua ajuda. Em outra frente, o governo chinês comprometeu-se em formar quinze mil profissionais africanos, isentar de tarifas algumas importações da África e estabelecer cinco zonas de livre comércio. Além disso, algumas empresas chinesas assinaram acordos com onze países africanos, prevendo investimentos de US\$ 1,9 bilhão nos setores de telecomunicações e equipamentos tecnológicos, infra-estrutura, matérias primas, bancários e de seguros.

Com o objetivo de ratificar a importância do FOCAC, Hu Jintao voltou à África, menos de um ano, após sua última visita por aquele continente. Entre os meses de janeiro e fevereiro de 2007, o presidente chinês visitou oito países africanos, determinado a disponibilizar a esses Estados² US\$ 3 bilhões em créditos especiais. No âmbito das relações de trocas, segundo informações divulgadas, no início de 2007, pela agência chinesa de notícias, Xinhua, a China terminou 2006 com um déficit comercial de US\$ 2,1 bilhões com a África. Além disso, ofereceu ao Sudão um empréstimo de US\$ 12 milhões, sem juros, e perdoou uma dívida de US\$ 70 milhões. O comércio bilateral China-Sudão superou, em 2006, a casa dos US\$ 3 bilhões.

² Nação politicamente organizada por leis próprias.

A RPC também assumiu a responsabilidade de ajudar os governos africanos a enfrentarem os problemas relacionados à saúde pública, oferecendo inicialmente uma ajuda humanitária no valor de US\$ 48 milhões. Em maio de 2007 durante a sexagésima reunião anual da Organização Mundial da Saúde (OMS)³, celebrada em Genebra, o então ministro da saúde chinês, Gao Qiang, anunciou que seu governo doaria cerca de 5 milhões de euros à OMS, com o objetivo de reformar e desenvolver o sistema de saúde africano, estabelecendo na região dez centros de prevenção e tratamento contra a malária.

Outro setor que influencia fortemente a economia na relação sino-africana é o turismo, devido ao fortalecimento do poder aquisitivo da classe média chinesa, que favorece o fluxo de turistas em direção a África. África do Sul, Zimbábue, Tanzânia, Maurícias, Zâmbia, Namíbia, Madagáscar e Moçambique são exemplos de países que receberam transfusões de receitas turísticas e tiveram como resultados crescimentos econômicos entre 5,9% e 12,6%, após serem incluídos no O Estatuto de Destino Turístico Aprovado - acordo bilateral na área do turismo - no qual o estado chinês permite que os seus cidadãos façam visitas de grupo a outros países sem necessidade de autorização de saída, mas sempre por meio de agências de viagens autorizadas pelo governo.

3.1 PARTICIPAÇÃO DA CHINA NO SETOR MILITAR AFRICANO

As relações da China com a África não ficam apenas no terreno dos interesses comerciais e humanitários. Nos últimos anos, o governo sínico⁴ expandiu a sua presença militar na região africana, como exemplo, desta-

ca-se a participação de soldados chineses no contingente de manutenção de paz na Libéria em dezembro 2003, fato que ocorreu dois meses, após a Libéria ter alterado o seu reconhecimento diplomático de Taiwan para a China. A China enviou também soldados para manutenção da paz para República Democrática do Congo; forneceu uniformes ao exército de Moçambique; helicópteros ao Mali e Angola, e armas à Namíbia e Serra Leoa. A cooperação militar tem sido intensa com o Zimbábue; o Sudão e a Etiópia. Em abril de 2005, Zimbábue recebeu seis aeronaves para operações militares e no ano anterior havia comprado 12 caças e 100 veículos militares.

Devido a essa postura, voltada para o setor de segurança, o governo chinês é fortemente criticado por apoiar regimes ditatoriais, principalmente pelo fato da China ser um membro permanente do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas - ONU que apresenta como responsabilidade a manutenção da paz no Sistema Internacional.

No relatório do parlamento europeu sobre a política da China e o seu impacto na África, do dia 25 de abril de 2008, a euro-deputada portuguesa Ana Gomes afirma que "União Européia deve ratificar o seu embargo à venda de armamento à China, enquanto este país continuar a exportar armas para as forças armadas e os grupos armados de países que alimentam e perpetuam conflitos e cometem graves violações dos direitos humanos", sugerindo que o governo do presidente Hu Jintao exerce certa cumplicidade em relação às políticas opressivas e conflitos, estabelecidos na região. No mesmo relatório do Parlamento Europeu, ainda, acrescenta que "a China é responsável por importantes transferências de armamento para países em conflito".

Contudo, "por ser membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, os países

³ O objetivo da Organização Mundial da Saúde é a aquisição, por todos os povos, do nível de saúde mais elevado que for possível

⁴ Relativo ou oriundo da China.

africanos vêem na China uma garantia de apoio e defesa de seus interesses face às tentativas de interferência em seus assuntos internos” (Maria Gabriela Araújo Diniz, 2007, p.2).

3.2 A RELAÇÃO SINO-AFRICANAS NO DOMÍNIO DA ENERGIA

Um quarto das importações de petróleo da China, tem como origem a África, com interesses petrolíferos na Argélia, Angola, Chade e Sudão; e grandes participações na Guiné Equatorial, Gabão e Nigéria. É importante destacar a peculiaridade dos interesses energéticos da China em relação ao Chade, uma vez que este Estado ainda mantém relações diplomáticas com Taiwan.

O trabalho, em conjunto no setor energético entre a China e o Sudão, representa uma das várias áreas, onde divergem os interesses dos governos norte-americano e chinês. A CNPC China National Petroleum Corporation-CNPC adquiriu direitos de exploração do petróleo no Sudão em 1995, dois anos, após Washington cortar relações com o país africano. Essa iniciativa tornou o Sudão a maior base de produção petrolífera da China fora do seu território, sendo responsável por cinco por cento (5%) da totalidade das importações de petróleo chinesas.

O comércio sino-africano aumentou 50% entre 2002 e 2003, atingindo os US\$ 18.5 bilhões por ano, crescendo para US\$ 30 bilhões em 2006. Atualmente, 700 empresas chinesas operam em 49 países africanos, tendo como destaque de investimentos no continente africano, a construção na Nigéria, da maior linha ferroviária de África, que terá uma extensão de aproximadamente 1300 quilômetros e custará cerca de US\$ 700 milhões.

4 O DESENCONTRO SINO-AFRICANO

Evidentemente, nem tudo se apresenta de maneira positiva no relacionamento entre líderes africanos e o governo chinês, um dos pontos de divergência é o comércio.

A indústria têxtil e as manufaturas de baixa tecnologia, presentes na África, são abaladas pelo fluxo de produtos de baixo preço, provenientes da China. Redes de lojas chinesas espalham-se pelo continente africano, aumentando o descontentamento de pequenos comerciantes, muitas fábricas foram fechadas no Quênia, Lesoto, África do Sul e Suazilândia. Em outubro de 2007, a revista inglesa *The Economist* publicou um artigo, no qual afirmava que a estratégia econômica, adotada pelo governo de Hu Jintao, não auxilia a diversificação da produção africana.

A África do Sul é um dos países mais abalados pela invasão oriental de bens e serviços. Em fevereiro de 2007, o presidente sul africano Thabo Mbeki criticou severamente o governo sinico, descrevendo a aproximação da China em relação à África como uma ação imperialista. Thabo Mbeki acredita que a aliança sino-africana compromete totalmente o desenvolvimento econômico⁵ do continente.

Segundo a imprensa chinesa, outra fonte de ressentimentos é a prática de empresas chinesas de levarem seus trabalhadores para projetos contratados, devido, entre outros motivos, à escassez de mão de obra qualificada no continente africano, provocando elevadas taxas de desemprego. Essa atitude da China levou a realização de protestos na Zâmbia e no Lesoto. No ano de 2008, o periódico *Global Business Perspective* mencionou como um dos grandes responsáveis pela entrada de trabalhadores chineses no continente, o presidente da Câmara de Comércio do Chade, que espera a chegada de cerca de 40 mil chineses ao seu país nos próximos anos.

De acordo com dados apresentados na terceira edição da Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional, realizada nos dias 8 e 9 de dezembro de 2008 no Rio de Janeiro, que tinha como um dos focos a política

⁵ Melhoria das condições de vida da população.

chinesa, no Sistema Internacional, estima-se em 80 mil o número de técnicos e trabalhadores chineses, presentes por todo o continente africano, no entanto, eles não apenas convivem pouco com os cidadãos nativos, isolando-se, como gastam praticamente nada do capital que conquistam, optando por enviar remessas para o seu país, deixando um verdadeiro rombo na economia local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto os Estados Unidos e a Europa ignoram a África, “o gigante asiático estende o tapete vermelho” (ISTOÉ, abril de 2008) para receber grande parte das nações que compõem este esquecido continente, à exceção dos cinco países que reconhecem Taiwan. A China se prontificou a oferecer ajuda econômica e investimentos à África, em troca do que mais necessita, matérias-primas para sustentar o seu crescimento, assim como, explorar um mercado consumidor, ainda, virgem e praticamente esque-

cido pelas multinacionais ocidentais. Entretanto, é importante ressaltar que as relações de investimentos chineses apresentam aspectos negativos, pois o continente africano está à mercê de uma nova política imperialista, auxiliando o governo do presidente Hu Jintao na corrida contra os norte-americanos pela detenção de recursos naturais no cenário internacional. Enganados estão a Europa e os Estados Unidos, porque a África tem muito a oferecer. Não foi por acaso, que durante a cúpula em Pequim foram celebrados cerca de 2500 acordos sino-africanos. O que poucos sabem é que a China não almeja simplesmente o setor econômico, esse Estado também deseja expandir-se culturalmente, com a abertura de escolas, centros de línguas, intercâmbios e bolsas.

Segundo a política exercida pelo Chefe de Estado Hu Jintao, o melhor ambiente para começar essa estratégia é, sem dúvida, o continente que até pouco tempo era taxado como insolúvel por grande parte do mundo (VANGUARDIA, 2008, p.26).

REFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA E POLÍTICA INTERNACIONAL, 3º edição, 2008, Rio de Janeiro. **A China constrói uma parceria estratégica com a África**: OLIVEIRA Amaury Porto. 18 p.

DINIZ, Maria Gabriela Araújo. **A Parceria entre China e África e os impactos sobre direitos humanos e intervenção humanitária**. 2007. 15f. Artigo Científico. (Mestranda em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FORUM on China-Africa Cooperation. **China-Africa relations board the ship of a new century**. 29 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.fmprc.gov.cn/zflt/eng/bjzl/t404145.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2008.

GOMES, Ana. Relatório sobre a política da China e o seu impacto na África. Parlamento Europeu. Sessão de pós-briefing. 2008. Luxemburgo. União Européia. 28 de março de 2008. Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+IMPRESS+20080418BRI27036+ITEM-011-PT+DOC+XML+V0//PT&language=PT>>. Acesso em: 23 jun. 2008.

LAS RELACIONES DE CHINA CON ÁFRICA IMPLICACIONES PARA EUROPA. Barcelona, Vanguardia, 2008, Mensal.

Rápido crescimento econômico na África. **BBC para África**, África, 14 nov. 2007. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/africa/news/story/2007/11/071114_economicafricavbc.shtml>. Acesso em: 30 nov. 2007.

SIMÃO, Jorge Rodrigues. Ensaio de Direito, Política Internacional, União Européia e Economia Internacional a China Coloniza África ou Talvez Não! **Coimbra e Macau**. Hoje Macau. 07 dez. 2006. Disponível em: <<http://politicaedireito.tripod.com/id292.html>>. Acesso em: 15 abr. 2008.

STUDART, Hugo. A reconquista da África. **Isto é Independente**, abril de 2007. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/isto-oe/edicoes/1981/artigo63969>>. Acesso em: 28 abr. 2008.

TAVARES, Amílcar. China/África: Trocas comerciais podem elevar-se a 70 mil milhões de dólares este ano. **Voz di Povo**. 2007. Disponível em: <http://www.vozdipovo-online.com/conteudos/africa/china%10africa:trocas_comerciais_podem_elevar-se_a_70_mil_milhoes_de_dolares_este_ano/>. Acesso em: 30 abr. 2008.

THE ECONOMIST. **China's Communists and the peasants**. 2007. Disponível em: <http://www.economist.com/opinion/displaystory.cfm?story_id=E1_JJQSDGJ>. Acesso em: 23 jun. 2008.